



Para a hora do coração na mão

Taylane Cruz

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2021

Para a hora do coração na mão

“Forte mesmo é o coração”, Emily Dickinson escreveu. É com este coração que saímos todos os dias, segurando-o nas mãos na esperança de que nos sirva. Mas, desde que o mundo é mundo para que serve afinal um coração? De que matéria se alimenta senão dos restos da vida que cotidianamente esquecemos de viver?

Coração é jardim cheio de pérolas e espinhos. Não há tarefa humana mais perigosa e difícil do que a de adentrar um coração. A criança já sabe: é preciso proteger o próprio coração. Há uma intuição que a ensina a carregá-lo com solidão de animal e a alimentá-lo com fantasias. Quando eu era menina, levada à missa por uma tia católica, ficava extasiada ao ver a imagem do Cristo com seu sagrado coração extirpado e iluminado sobre o peito, um coração de gesso em alto relevo pintado de um vermelho-sangue. A estátua me fascinava. Como oferecer o próprio coração? Criança, decidi treinar. Colocar em cada coisa, inteiro, um coração.

Mas quanto mais adultos ficamos, mais preguiçoso e cheio de coisas velhas fica o coração. Um coração adormecido ganha peso de pedra. É preciso atiçá-lo, cutucá-lo,

pôr brasa para fazê-lo acordar. Acordado, ele dá sinais, está pronto para se abrir. É um órgão delicado, há que vigiá-lo, escutá-lo muitas vezes por dia. Há que se ter força de fera para defendê-lo da voragem do mundo e pousá-lo inteiro sobre as coisas como um pássaro que, vivo e quente, palpita dentro do ninho.

Eu vi um vaga-lume

Sou disciplinada na tarefa de ser cúmplice desta vida vidinha. Acredito que por trás das coisas há algo que as transpõe. Diariamente exerço o ofício de tocar a pele das coisas. Saio à cata do que for possível colher no terreno frutífero dos dias. Entre o Sol e a Lua a vida acontece e, sabendo disso, me apresso em recolher as formigas que passam pelo caminho, ligeiras e desconfiadas. Recolho ainda os grãos de areia que rolam invisíveis como secretas tempestades, pois sei que formarão pedras e montanhas imensas no chão do meu pensamento. Saio à cata de restos, muxi-bas de mistérios que guardo na mochila da minha alma. Recolho borboletas, pássaros coloridos, arames farpados, cacos de vidro rebrilhando nos muros. Meto a mão no lixo, mexo, cheiro imitando os cachorros famintos. Passo a mão gananciosa sobre as folhagens, colho todo o tipo de coisas invisíveis, manchas de sol e teias de aranha também, que se espicham do infinito e se agarram aos meus finos dedos. Levo comigo mendigos caolhos, velhinhas mancas, vendedores de pedra-sabão, facas afiadas que quase me matam. Remexo em túmulos, colho as flores dos mortos, a parafina chorada sobre as lápides. Até anjos encontro pelo caminho. Colho-os como se colhem as rosas brancas. Trago-os bem

próximos, suspirando feito crianças junto a esta pequenina veia perto do coração. Dilato a película do meu ser para que ele comporte tudo porque os despojos do mundo são imensos e eu não prescindo de nada.

Ao fim do dia, a mochila pesada, coloco-a sobre a minha mesa. Alguns pássaros e borboletas escapam. Tento agarrá-los, enfiá-los de volta na mochila. Em vão – algumas coisas se perdem mesmo, não faz mal, precisamos aprender a deixá-las ir. Abro a mochila sobre a mesa. O mundo que eu trouxe nas costas rola e se fragmenta em incontáveis pedrinhas coloridas. Caio na tentação de brincar com elas. Nelas está a esperança de uma frase iluminada que, com sorte, não passará de um vagalume no escuro. Vejo esse vagalume pousar sua sombra numa folha. Fico olhando. Quero apalpar seu pequenino coração como quem apalpa um grão de areia. O vaga-lume então pisca sua mínima luz. E compreendo que, mais que a sua sombra, ele pousa sobre a folha um ser inteiro.

O mundo é mágico e pede registro. Não há desencanto que resista ao mistério de um vaga-lume pousado sustentando o peso de sua própria encarnação.

Os secretos caminhos dos sentimentos

Os sentimentos humanos são, para mim, o maior desafio de existir. Pequena, espiando por debaixo da mesa os grandes sofrimentos e dramas familiares, já observava extasiada os rostos dos adultos e tentava adivinhar-lhes o grande mistério por detrás das janelas dos olhos. Enternecia-me ao ver a tia chorando de raiva, quando na verdade queria colo; ficava confusa ao perceber estranho desamparo no rosto forte de algum tio; alegrava-me ao reconhecer naquelas faces maduras imensa proximidade com a minha infância ainda precária e imatura nas coisas do amor. Acho que ali eu começava a aprender sobre compaixão. Não digo condescendência ou piedade, mas compaixão, do latim *compassione* que quer dizer “compreensão pelo estado emocional de outra pessoa”. Segundo Milan Kundera, “designa a mais alta capacidade de imaginação afetiva, a arte da telepatia das emoções”. Esta compreensão, até ali tão precária, ganhou volume no dia em que descobri, na Literatura, os tão secretos caminhos que eu buscava.

Ao ler meus primeiros livros, percebi que havia, fora da minha casa e dos rostos dos meus adultos, um mundo de

afetos e sentimentos a ser explorado; que a telepatia da qual Kundera fala precisava ser exercitada. Como num piano, as teclas do meu coração precisavam ser afinadas e, aos poucos, fui educando os meus afetos para este difícil (e mágico) exercício. À medida que eu lia, mais queria ler, até o ponto daquela investigação pelos sentimentos humanos se tornar um ofício, e foi então que a escritora tomou as rédeas. A palavra tem mesmo este poder. Uma espécie de feitiço que nos faz desdobrar as camadas. Faz-nos puxar um fio que se desenrola, o fio da imaginação, o fio da fina fonte da qual brotam todos os nossos mistérios. O fio narrativo. Poético.

Foi puxando esse fio que descobri meu fascínio por pessoas. Dizem que o pai de Clarice Lispector, quando queria elogiar alguém, dizia “ele é uma pessoa, ou ela é uma pessoa”. Gosto muito de Clarice, foi em seus livros que fiz um mergulho profundo na palavra “pessoa”. O que faz de alguém uma pessoa? Uma pessoa, para mim, é esta confusão de existir com todas as peles, todas as camadas das quais jamais saberemos. O outro é um mundo particular, e eu não possuo a chave. Isto me fascina! Que há por trás de um sorriso? Que há por trás de uma mão espalmada no ar gritando de chateação? Que há por trás do mais trivial gesto? Acredito ser este o maior desafio: estar curioso para o mundo do outro sempre. Não desvendar. Não nos cabe arrancar o pano que cobre o próximo. Eu mesma, do que gosto, é dos pequenos momentos de investigação quando alguém me diz algo, ou olha de um determinado modo. As coisas são metáforas para algo que as transpõe. Sutis movimentos de lábios, veias palpitando no pescoço, suspiros de palavras não ditas... coisas assim provocam uma grande repercussão na minha alma, fazem com que pensamentos

EDITORA

www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

AUTORA

E-mail: taylanecrux@gmail.com
Facebook: [/taylane.c.silva](https://www.facebook.com/taylane.c.silva)
Instagram: [@taylanecrux](https://www.instagram.com/taylanecrux)

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em outubro de 2021.
